

Nota Introdutória

As dimensões de uma instituição são definidas pelas pessoas que a constroem. Consideradas, na atualidade, o ativo de maior importância dentro das organizações, em cujo espectro encontram-se inseridas as entidades e órgãos públicos, as pessoas exercem papel fundamental na edificação de seu capital intelectual. Afinal, constituem o alicerce sobre o qual as organizações desenvolvem sua cultura institucional.

No Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro, essa dinâmica não poderia dar-se de forma diferente. A história do *Parquet* confunde-se com parte relevante da história das pessoas que dele fizeram parte e que contribuíram largamente para o seu engrandecimento, tanto quanto para a sua projeção nas searas social e jurídica.

Visando ao resgate de um passado que se lança e se imiscui no presente, nossa *Revista*, a partir desta edição, apresenta uma nova seção, intitulada *Memória Institucional - Personalidades*. Nela, serão publicadas diversas entrevistas, fruto de projeto de pesquisa do Centro de Memória do MPRJ, as quais visam a homenagear personalidades de destaque em nossa Instituição. Estas personalidades, cuidadosamente selecionadas, abrilhantaram, pela sua atuação, a história do Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro, constituindo importante arcabouço para a compreensão de sua memória institucional.

A Eva do Ministério Público do Antigo Estado do Rio de Janeiro

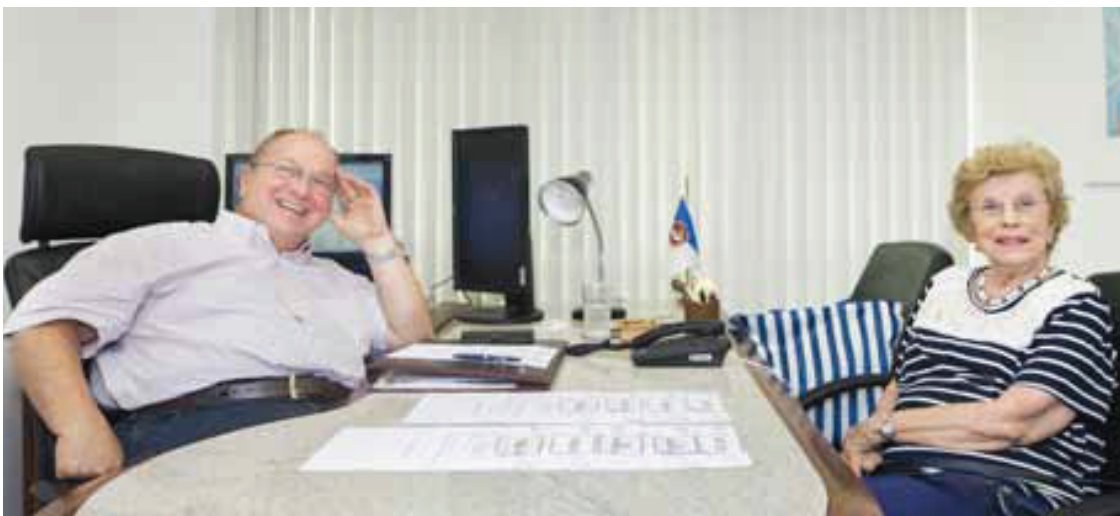
Dr^a. Jarcléa Pereira Gomes

Texto e entrevista:
Márcio Klang – Coordenador
Nataraj Trinta – Historiadora



[1952] Foto da formatura na Faculdade
de Direito da PUC/RJ

Inspirada por um professor de Direito Penal, Dr^a. Jarcléa sempre sonhou em promover a Justiça através do Ministério Público. Foi aprovada no concurso em 1957, mas a posse somente ocorreu em 1963. Atuou em Barra do Piraí, Piraí, Cambuci, Mendes, Volta Redonda, Nova Iguaçu, Niterói. O fato de ser a primeira mulher a ingressar no quadro do *Parquet* do antigo Estado do Rio de Janeiro ofereceu dificuldades à Dr^a. Jarcléa, porém, proporcionou superações à instituição. Acompanhou, em 1975, como assistente da Corregedoria, a fusão dos antigos Estados da Guanabara e Estado do Rio de Janeiro e obteve destaque por seu conhecimento sobre as comarcas e estruturas jurídicas espalhadas pelo novo Estado.



Entrevista realizada com Dr^a. Jarcléa Pereira Gomes – Projeto Personalidades do MPRJ

MK: Bem, gente, bom dia. Esse é o segundo programa da série “Personalidades do Ministério Público”, que é um projeto da nova gestão do Centro de Memória do Ministério Público do Rio de Janeiro, João Marcello de Araújo Júnior. A nossa ideia é, ao mesmo tempo, proporcionar o encontro dos nossos colegas com a classe e também com alunos, com o público em geral, fazer com que haja uma divulgação do que é a memória do Ministério Público, qual é a história do Ministério Público. Muito bem, então vamos lá para a primeira pergunta, Dr^a. Jarcléa. Quem é Jarcléa Pereira Gomes?

JPG: Eu nasci no Rio de Janeiro, aliás, antigo Distrito Federal. Sou ariana de 09 de abril de 1930, portanto eu tenho apenas 87 anos. A minha educação foi muito rigorosa.

MK: Por quê?

JPG: Porque a minha família era composta de muitos militares, então eu tive uma educação praticamente espartana. Tinha hora pra tudo. Depois que eu fiquei mais crescidinha, ironicamente perguntava “tem hora pra espirrar?”, mas isso foi muito bom pra formação do meu caráter. Eu estudei num colégio na Tijuca, de freiras, e eu tinha um professor de latim. Ele falava muito, gostava muito de citações e ele se referia a Justiniano, a César, a outros juristas como se fossem colegas dele. E falava muito em justiça, justiça, “dar a cada um o que é seu” e aquilo me impressionou muito. E quando terminavam as aulas, eu gostava muito de conversar com ele. E daí

surgiu a ideia de eu fazer um curso de Direito. Na faculdade, eu tive dois professores. Eu fiz o curso na PUC e, por incrível que pareça, a minha turma era composta só de quarenta alunos, sendo que vinte e cinco eram rapazes e quinze mulheres, quinze moças.

MK: Isso era que ano, Dr^a. Jarcléa?

JPG: Quarenta e oito, 1948, no outro século. Era muito interessante, porque as outras turmas ou não tinham nenhuma mulher ou tinha uma ou duas que não seguiram a carreira. E também eu fiz o curso e tive dois professores, como eu estava dizendo, de Penal era o desembargador Murta Ribeiro e o outro era o professor de Processo Penal Hélio Bastos Tornaghi, era uma capacidade...

MK: Ninguém menos que Hélio Tornaghi.

JPG: É. Então eu me entusiasmei muito pelo Direito Penal. E eles falavam no Ministério Público, é lógico! Falavam no Ministério Público. Eu fui estagiar, estaguei primeiro numa Vara Criminal, na Quarta Vara Criminal e depois estaguei na Quarta Vara de Família.

MK: Dr^a. Jarcléa, a senhora falou que na turma da PUC havia quinze alunas e vinte e cinco alunos. Bom, hoje em dia talvez seja uma estatística que não seja do conhecimento de todos, mas o Ministério Público virou “Ministéria Pública”.

JPG: Ministéria. É, são Mpéias.

MK: Porque existem mais promotoras do que promotores e...

JPG: Mais procuradoras que procuradores...

MK: E mais funcionárias do que funcionários. Quando a senhora entrou no concurso, a senhora fez concurso em...

JPG: Eu fiz concurso, esse meu concurso foi uma novidade.

MK: Conte-me um pouquinho do concurso!

JPG: Foi em mil e novecentos... o edital foi em 1959.

MK: Do antigo Estado do Rio de Janeiro?

JPG: Do antigo Estado do Rio. Bom, eu verifiquei os documentos necessários, recolhi os documentos e fiz a minha inscrição. Passado algum tempo, minha inscrição foi deferida e eu aguardei então a marcação...

MK: Isso era em Niterói?

JPG: Niterói. Aguardei a marcação da prova escrita. Quando eu cheguei ao colégio para fazer a prova, parecia, assim, uma concentração de time de futebol: só tinha homem! Eu fiquei espantada. Eu digo “Será possível?”, até que eu olhei para um lado, olhei para outro e encontrei uma mulher. Depois, demorou o resultado, demorou e tal, e eu fui aprovada. Depois de muito tempo, vieram os exames orais. Eu estava lá esperando pra ser examinada e um dos examinadores chegou pra mim e disse assim: “A senhora devia desistir”.

MK: Assim?! Com essa simpatia toda?

JPG: Assim é, é! Mas foi assim de uma forma assim, uma arrogância! Eu o achei muito arrogante.

“A senhora devia desistir do concurso, porque vai te causar muito problema, não existe mulher no Ministério Público”.

Eu disse pra ele: “Não. Eu, quando saí de casa, falei pra meus pais que eu ia fazer, ia realizar meu grande sonho. Ia fazer o concurso pro Ministério Público. E eu vou fazer! Se eu tiver que ser reprovada, eu serei”.

Então eu fiz o exame e passei. Havia também os promotores adjuntos e, se nós fôssemos nomeados, eles iam perder o emprego.

MK: Eles não eram concursados?

JPG: Não eram concursados. Era aquele tal “quem indica?!” E eles entraram com uma ação judicial e você sabe que a justiça, além de cega, eu acho que ela tem problemas reumáticos ou qualquer coisa, porque é muito lenta, né?! Demorou, demorou, até que houve um acordo. Então começaram as nomeações em 63.

MK: Quer dizer, o concurso foi de 50...

JPG: De 59.



[1963] Foto da posse da Dr^a Jarcléa no Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro

MK: Demorou quatro anos pra essa novela ter um final.

JPG: É, quase um curso de Direito. Houve a nomeação da primeira leva de colegas e depois eu ficava encabeçando a lista da próxima nomeação. Mas você vê que a perseguição... O [Massar] dizia assim: "Eu tenho pé frio". Eu dizia: "Não, sou eu"! Porque quando eles viram a minha nomeação, saiu errada, mas dolosamente errada e o procurador foi assinando, assinando, mas a minha não podia, porque eu estava sendo nomeada para um cargo que não existia. É! Estava sendo nomeada... Eu tinha que ser promotor substituto e estavam me nomeando para Promotor de Primeira Entrância. Não tinha vaga de Primeira Entrância. Aí foi uma tristeza, uma coisa, mas eu tive muito apoio do procurador da época, Dr. Paulo Antunes de Oliveira e, finalmente, eu consegui.

MK: Qual foi a primeira comarca para qual...

JPG: A minha primeira comarca foi Barra do Piraí. Eu cheguei à Barra do Piraí. Tinha gabinete.

MK: Mesa e cadeira também?

JPG: Tinha... e ventilador.

MK: Tinha ventilador?

JPG: Mas a porta, a porta do gabinete era aquela de vai e vem. Então toda hora entrava alguém olhava e saia e eu ali com os processos. De repente, chegou um advogado e disse assim: “Eu queria falar com o promotor”. Até teve um que disse assim: “A senhora é estagiária?”. E eu tinha que explicar pra todo mundo que não, que eu era promotora e tal. Depois de Piraí, eu fui pra Mendes, mas Mendes foi muito engraçado, porque... aí é um caso pitoresco envolvendo o problema de ser mulher. Tinha um político muito influente lá que andou fazendo umas falcatruas.

MK: Não! Um político fez falcatruas?

JPG: Pois é.

MK: Gente, mas que coisa surpreendente! Olha... agora a senhora me tirou, assim, o centro.

JPG: É isso mesmo. E eu denunciei, eu denunciei esse político. Como a cidade era pequena, se eu levasse processo pra casa pra examinar, todo mundo ficava sabendo e ia avisar pra ele. Então o que eu fiz? Eu estudei o processo, tomei nota dos pontos que eu achava mais importantes e combinei com o juiz. Ele disse assim: “Traga pra mim, porque, se passar pelo cartório, vai todo mundo avisar”. Ah, mas foi muito engraçado, porque, depois, o político foi preso e ele disse que era uma humilhação ser preso a pedido de uma mulher.

MK: Se fosse por um homem, não tinha problema.

JPG: Se fosse por um homem, ele não se incomodava mais do que ser preso por uma mulher.

MK: E de Mendes a senhora foi pra qual outra comarca?

JPG: Volta Redonda. Depois de Volta Redonda, fui pra Magé.

MK: Magé devia também ser pesado!

JPG: Sim. Magé, uma criminalidade incrível.

MK: Muito crime de trânsito.

JPG: Muito. E muito homicídio mesmo. E foi uma época que um engenheiro foi fazer uma medição num terreno lá, o terreno estava assim, *sub judice*, uma coisa assim, e mataram o engenheiro e depois disseram que a próxima seria eu.

MK: Isso mil novecentos e sessenta e...

JPG: É sessenta e quatro.

MK: Na sua carreira, houve algum processo pitoresco ou algum processo traumático? Alguma história de algum caso em que tenha exigido uma maior atenção sua como promotora ou como curadora de família? Alguma briga de família, alguma investigação de paternidade curiosa?

JPG: Eu fui estagiar, estagiei primeiro em uma Vara Criminal e depois estagiei na Quarta Vara de Família. Na Quarta Vara Criminal, eu estagiei com o Dr. Nerval Cardoso, Dr. Roberval Clementino do Monte e com o Dr. Marcelo Maria Domingues, com quem eu ia trabalhar posteriormente. Dr. Marcelo é um caso à parte, né!?

MK: É, põe caso à parte nisso!

JPG: Depois, Vara de Família mexe muito com o seu coração. Eu dizia que aquilo era cardiologia. Em compensação, tinha outro que (ainda na época era desquite) tinha aquela fase de conciliação e ele era oficial de Marinha e a mulher implicando com ele [espicaçando], [espicaçando]. Ele dizia uma coisa, ela contestava e tal. Audiência de conciliação. Aí “Eu quero isso”. Ele disse “Tá bom”. “Eu quero aquilo”. “Ah, concordo”... Aí, depois, ela pediu, não sei, uma coisa lá absurda e o comandante virou pro juiz e disse assim: “Doutor, se eu der tudo isso pra ela, eu não preciso mais vê-la?”. O juiz disse “Não, não há necessidade”. Ele disse “Então tá bom, fica com tudo e eu vou começar do zero”!

MK: Só pra não ter mais que vê-la.

JPG: Pronto. A mulher perdeu tudo! O que ela queria era implicar com ele.

MK: E eu tenho impressão, que eu também atuei em Vara de família, que quanto mais rico pior, né?

JPG: Ah... Mais mesquinharia! Na hora da partilha, primeiro era “meu bem”, depois eram “meus bens”.

MK: Exatamente, mudaram. Primeiro era singular, depois era plural.

MK: Como era a infraestrutura dos fóruns do Antigo Estado do Rio?

JPG: *Data venia*. Meu grande sonho era o Ministério Público, sempre foi! Eu era obstinada pelo Ministério Público, mas não havia concurso naquela época no Distrito Federal. O concurso era assim: “quem indica”. Então... Eu não ia aceitar, porque o Ministério Público tem que ser independente. Promotor não tinha gabinete. Era muito difícil. Você trabalhava na beirada da mesa do juiz. Eu me lembro, quando fazia inspeção, os promotores pediam até papel para oferecer denúncia que era difícil.

MK: Telefone... isso é... delirar, né?

JPG: Ah, nem pensar! Não, não. Eles pediam ventilador, máquina de escrever...

MK: Mesa, cadeira...

JPG: Mesa, tudo. Não tinha nada, mas era muito triste, muito triste mesmo. Não havia infraestrutura. A promotoria busca a justiça. Justiça é uma deusa, né? Eu venerava a Justiça. Agora eu só não entendo por que aquela Justiça que está lá em Brasília está sentada. Eu nunca vi Justiça sentada. Você já viu alguma Justiça sentada? Tá lá a Justiça sentada com a espada quebrada.

MK: Aquela espada que tem em frente ao Supremo.

JPG: É, a espada tá quebrada. E onde é que tá a balança do equilíbrio? Eu acho isso estranhíssimo. Nunca consegui, eu queria alguém pra me explicar...



[1961] Dra. Jarcléa posando junto
à estátua da Justiça de Brasília

MK: Qualquer semelhança talvez não seja mera coincidência, não é?!

JPG: Eu só queria entender...

JPG: Isso eu nunca revelei nem pras minhas melhores amigas, mas eu fui nomeada Procuradora em 1983 e, naquela época, existia o Tribunal de Alçada. Eu fui designada pro Tribunal de Alçada Criminal. Eu cheguei para o dia da sessão, cumprimentei o magistrado, não era desembargador, era juiz. Cumprimentei e, então, sentei ao lado dele, começaram o julgamento e tal, daí a pouco vem um garçom com uma bandeja com um cafezinho, serviu pro juiz e ele logo falou assim “Segue em frente, porque este café é cortesia do Tribunal para os juízes. O Ministério Público não pode tomar esse café”.

MK: Muito civilizado isso, não é?

JPG: É. Você sabe o que é que eu fiz? Abri a minha bolsa, tirei um bombom de cereja com licor da Kopenhagen e ofereci pro juiz: “Oferta do Ministério Público”. Olha, o homem bebeu água, não bebeu o café!

MK: Eu vou pedir que façam perguntas diretamente à nossa entrevistada. Por gentileza, quem é o primeiro?

Dr^a. Luiza Teresa B. de Matos: Você foi a primeira Promotora do antigo Estado no Rio, a Eva! Famosa Eva. E quem foi a segunda e a terceira do antigo Estado do Rio e o que você tem pra contar a respeito delas?

JPG: Uma foi a Sergina, Sergina Mello. Depois, a segunda, Hermezinda. Hermezinda é um caso especial. Foi minha contemporânea de faculdade, trabalhou também em Barra do Piraí.

MK: Engraçadíssima, ela é muito engraçada.

JPG: Muito, muito falante. Tinha uma colega que gostava de enganar a idade. Então ela tinha nascido em 1933. O que ela fez? Ela fechou o três pra oito.

MK: Oh, que beleza!

JPG: Então ela ganhou cinco anos. Aí um dia nós fomos ao chá da Colombo. Ela, Luiza e Hermê. E ela me pediu pra apanhar uma carteira, qualquer documento dela que tinha justamente a idade, mas eu peguei e entreguei, não tinha curiosidade de saber. Ela pensando que eu tivesse visto disse assim “É, isso aqui está errado porque eu nasci em 38 e esse aqui está constando como 33”. Aí a Hermezinda sai com essa pérola: “Olha, se você nasceu em 33, você está muito bem, mas se nasceu em 38 você está um lixo!”. Ela não tinha papas na língua. “Você está um lixo!”

MK: Essa é a Hermezinda.

JPG: Essa era ela, era ela. Implacável, implacável.

Nayara Cristina dos Santos: Eu queria saber como que a senhora lidou com essa questão do temperamento. De sempre esperarem que talvez as mulheres, elas fossem explosivas ou passivas, como que era? E se isso, em algum momento, se o temperamento da senhora durante a carreira mudou diante das situações, de ter sempre que repetir que a senhora estava em exercício do cargo que era contratada, que não era estagiária... Como que foi isso?

JPG: Olha aconteceu uma vez... Sempre em Mendes. Naquela época, Mendes tinha uma indústria de... Era o frigorífico Anglo e o advogado era um figurão de São Paulo. Então ele veio com uma conversa assim: “É, Doutora, os membros do Ministério Público ganham muito pouco e os de São Paulo ganham muito bem”. Eu digo “É, realmente”. Ele começou a encaminhar a conversa e eu percebi que ele estava querendo me subornar. Então eu tive uma ideia. Eu virei pra ele e disse “Olha, Doutor, se nós ganhamos pouco aqui, realmente a mim não interessa, porque o que eu ganho no Ministério Público, eu compro de bombom, de batom e balas”. Pronto, acabou!

MK: Você tirou o tapete dele, né?

JPG: Tirei, pronto! Mas teve muito, muito fato marcante no Ministério Público, por exemplo, a Fusão [do Estado do Rio de Janeiro com o Estado da Guanabara em 1975] foi um fato que marcou muito. Depois a criação, assim, a aquisição das sedes da Procuradoria. Procuradoria funcionava ali na Nilo Peçanha nº12. Eu tinha uma colega engenheira do trabalho. Aí chegou lá: “Jarcléa, esse prédio aqui está sujeito a ter um incêndio natural. Os fios estão desencapados, aquela



Dra. Jarcléa atualmente com o retrato da posse no Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro

coisa toda...” Depois se conseguiu uma sede como essa, é uma vitória muito grande. Então eu acho que o Ministério Público está se impondo. Porque muita gente não sabia nem o que era o Ministério Público. Agora há respeito quando se fala...

MK: Eu ouvi muito a seguinte frase: “Você trabalha onde?” “No Ministério Público.” “Mas qual Ministério Público? Qual? Da Fazenda... da Educação... qual Ministério que é?”

JPG: É... Não se sabia! E agora o Ministério Público tem se mostrado muito... Sempre foi atuante, né? Mas agora está mais ainda.

MK: Então, eu quero agradecer a presença de todos, dizer que a gente tem muita satisfação de entrevistar a Dr^a. Jarcléa. Foi uma das primeiras pessoas que, quando eu entrei no Ministério Público, me acolheu lá na Nilo Peçanha nº 12, segundo andar, terceiro andar...

JPG: É... Eu trabalhei na Corregedoria e eu acho que não fiz inimigos, não.

MK: Não. E olha que o lugar não é exatamente muito fácil.

JPG: Exatamente, porque eu me colocava no lugar do colega, eu digo, eu hoje estou sentada desse lado (que era um cargo em comissão), mas amanhã eu posso estar do outro lado, então por que eu vou maltratar o colega?

MK: Gente, muito obrigado! Valeu.

ISAURA SIQUEIRA GUIMARÃES NETA

Transcrição